

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MÉDIO

Fernanda Jardim da Penha Alfaia  
Mestranda em Ensino de História/ProfHistória/UFPA-Ananindeua  
[fjpenha@hotmail.com](mailto:fjpenha@hotmail.com)

O presente artigo propõe apresentar, por meio de trabalhos em andamento, algumas reflexões suscitadas no curso de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no ProfHistória/UFPA, sobre as possíveis interações entre saberes acadêmicos e experiências de docentes em suas práticas de ensino. Parte da hipótese de que os componentes afetivos, morais, éticos, cognitivos e sociais, que cooperam para condicionar suas concepções de vida e trabalho, manifestam-se em escolhas metodológicas, conceituais e documentais no espaço-tempo de suas aulas. A investigação se dá na Escola Estadual de Ensino Médio Albanízia de Oliveira Lima, em Belém do Pará, no contexto de implementação do Novo Ensino Médio, durante o período de 2019 a 2021, observando-se também as implicações desse quadro no ambiente escolar, mais especificamente no que concerne à prática do docente de História e às mudanças estruturais, pedagógicas e curriculares na referida escola. O objetivo maior é ponderar sobre a *práxis* que o docente de História articula no contexto das relações sociais, culturais e políticas dentro e fora da escola, em uma prática inspirada na observação participante, focada no cotidiano do qual fazem parte os sujeitos estudados.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Saberes Docentes; Práxis Docente.

### INTRODUÇÃO

As reflexões que compõem o presente artigo advêm, particularmente, da pesquisa em desenvolvimento no programa de pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Pará, *campus* de Ananindeua, e que visa ponderar sobre a *práxis* pedagógica do docente de História no decurso de sua interação com os saberes que articula no contexto das relações sociais, culturais e políticas dentro e fora da escola, considerando o cenário de implementação do Novo Ensino Médio e a conjuntura da pandemia da Covid-19.

Neste intuito, procura-se, compreender como o docente de História pode ser pensado a partir da análise de suas escolhas, por meio do estudo de seus conhecimentos e práticas e da mobilização destes para atender suas demandas, questões essas que foram motivadas na referida pesquisa.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Local escolhido para a pesquisa, a Escola Estadual de Ensino Médio Albanízia de Oliveira Lima, fundada em 1999, recebe alunos de diversas localidades da cidade e de municípios que compõem a região metropolitana de Belém. A Escola Albanízia, atualmente, faz parte das instituições escolhidas para a implementação do Novo Ensino Médio. Esse fato por si só já salienta uma série de considerações a serem feitas no que diz respeito ao âmbito pedagógico da escola e que, por consequência, abarcam também o ensino de História, provocando modificações nas práticas dos docentes da disciplina. Para além disso, todo o processo – de implantação do Novo Ensino Médio -, que ainda está em andamento, iniciado em 2019, sofreu alterações por conta da pandemia de Covid-19, que trouxe várias modificações nos modos de se pensar e ensinar História.

Nascem, dessa forma, perguntas como: quem é o ou a docente de História? Que História ele ou ela ensina e por que a ensina? Qual a repercussão de sua prática na aprendizagem da disciplina? De que maneira podemos contribuir para que os docentes, e consequentemente os discentes consigam perceber sua autonomia diante dos fatos, respeitando a pluralidade das coisas? O que muda no Ensino de História e na prática docente com o Novo Ensino Médio? Como a pandemia atingiu os professores e professoras de História em suas práticas? Como esses docentes reagiram e reagem a essas adversidades?

Reconhece-se, por meio dos questionamentos acima, não somente a legitimidade, mas sobretudo a necessidade de ampliar modos de observação do ensino de História.

Na tentativa de captar, em sua cotidianidade, esses processos rotineiros em suas diferentes espécies dentro e fora do ambiente escolar, os modos de vida das pessoas ou do grupo social envolvido, a pesquisa intenta responder os questionamentos acima apresentados e alguns mais. Para isso, aponta-se aqui a pesquisa etnográfica e participante como norte para a investigação, pois

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, pela empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos. [...] (CLIFFORD, 2014, p. 31)

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Enfatiza-se então os sujeitos estudados, docentes de História, lançando mão de métodos ou técnicas como: observação, entrevistas, rodas de conversa, histórias de vida, aquisição e análise de documentos, materiais e a autorreflexão. Dessa forma, foram e continuam sendo realizadas ações como o contato com a escola e os docentes colaboradores, levantamentos bibliográficos, aplicação de questionários aos docentes, localização e análise de fontes e dados importantes para o conhecimento do processo de implementação do Novo Ensino Médio na escola, utilizando-se também de documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para além disso, a observação das aulas e outras atividades pedagógicas, de forma presencial ou não, considerando a migração de parte das atividades escolares para o ambiente virtual, neste contexto de pandemia.

A pesquisa tem assim um caráter explorador, descritivo e elucidativo, implicando em um envolvimento direto entre os participantes, através não apenas da conversação, mas levando em consideração também a imprevisibilidade e subjetividade das relações a serem estabelecidas, acompanhando a experiência desenvolvida pelos professores e professoras de História da Escola Albanízia e adentrando o mais perto possível de suas vivências cotidianas.

### **VIVÊNCIAS E PRÁTICAS DOCENTES ENTRE PROVOCAÇÕES DO TEMPO PRESENTE: O NOVO ENSINO MÉDIO E O CONTEXTO PANDÊMICO**

Refletir sobre o ensino de História e, mais ainda, sobre como os saberes e fazeres particulares dos docentes cooperam para sua prática profissional não é um estudo inédito, mas sob o ponto de vista das experiências particulares identificadas, analisadas e apresentadas na pesquisa, poderá contribuir para ricas considerações, ressignificações e, possivelmente, mudanças efetivas, colaborando para as práticas daqueles que têm a função de apresentar e estimular as crianças e jovens a diferentes modos de pensar e agir no mundo em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos históricos.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Sendo assim, ao trabalhar com o docente de História, seus conhecimentos prévios, cotidianos, sua trajetória de vida e em que medida tudo isso contribui para sua prática enquanto professor ou professora, faz com que se busque, com base em problemáticas contemporâneas, refletir sobre o tempo presente. Nesse sentido, concorda-se, aqui, com Flávia Heloisa Caimi, quando diz que

[...] o próprio passado torna-se “imprevisível” [...] na medida em que cada época elege temas, perguntas, problemas específicos com base nos quais direciona o olhar para as experiências pretéritas e, dessa forma, produz novas respostas [...]. (2015, p. 31)

O excerto acima nos instiga a pensar o passado como “imprevisível”, como incerto, pois quando explorado pode fornecer versões diferentes sobre um mesmo fato, dependendo assim da forma como é abordado, por quem é abordado, a partir de quais conhecimentos adquiridos, sob que pontos de vista. A autora, nos convida a chacoalhar o passado a partir de demandas atuais e verificar quais questões são trazidas à tona e de que maneira. Assim se procura fazer na investigação.

Convém destacar, no entanto, que a ideia do trabalho em andamento não é estudar as práticas docentes exclusivamente antes, durante e pós pandemia, e sim dentro do contexto da Escola Albanízia de Oliveira Lima, tendo como foco o professor ou a professora e seu cotidiano, mas reconhecendo que hoje nos encontramos diante de um momento singular e que nos pode permitir fazer reflexões sobre a situação ocupada pelos docentes também nesse cenário.

No caso da Escola Albanízia, o trabalho para a implementação do Novo Ensino Médio, quando iniciado, abriu a possibilidade para discussão e elaboração de oportunidades para a disciplina História ser trabalhada de maneiras diferentes pelo docente de História, estimulando-o a refletir sobre quais mecanismos poderiam ser mobilizados por ele para compor a expansão de um entendimento histórico atuante e consistente no seu contexto escolar.

Quando a Escola foi selecionada, em 2019, como uma das “escolas-piloto” no processo de discussão e implantação do Novo Ensino Médio no Estado do Pará, isso causou sensíveis mudanças estruturais, pedagógicas e curriculares na Escola. Para que o referido processo fosse iniciado, realizou-se uma série de orientações, discussões e formações sobre a BNCC e o Novo Ensino Médio envolvendo toda a comunidade

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

escolar, de onde partiu também a construção do chamado “Plano de Flexibilização Curricular da Escola”, documento necessário para a efetivação do Novo Ensino Médio e a aprovação de verba destinada a todo o processo.

A preocupação com a necessidade de flexibilização curricular resultou na formação de grupos de estudo por área de conhecimento nos quais foram debatidos e criados mecanismos alternativos que promovessem a diversificação das aulas das várias disciplinas, conforme o disposto no programa.

Por ocasião da reunião do grupo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a História, como componente curricular, acabou se evidenciando com a atuação de seus respectivos professores, no esboço de um projeto que possibilitasse reflexões sobre a importância da compreensão, revitalização e reconhecimento da história da Escola.

As discussões em torno do projeto foram se aprofundando. Falou-se sobre tempo, uso do livro didático, lutas políticas, Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), currículos, autonomia do professor, dos alunos entre várias outras coisas. Até aquele momento, na Escola, tudo estava voltado para o Plano de Flexibilização Curricular. Trabalhava-se para modificar as práticas, com certa autonomia, mesmo no intuito de cumprir o que havia sido determinado pelas esferas maiores. O projeto de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, assim como os de outras áreas de conhecimento, foi concluído e estava na iminência de ser colocado em prática, mas foi “engavetado” quando adveio a pandemia de Covid-19, alterando drasticamente o cotidiano escolar e fazendo com que as aulas presenciais fossem suspensas, posteriormente sendo ministradas de maneira remota.

Como proposição pedagógica da pesquisa, condicionada obviamente aos resultados da investigação e da ausculta dos docentes e suas experiências, necessidades e expectativas, é sugerida a elaboração de um Portfólio de Oficinas Virtuais (podendo ser transformado posteriormente em um “folheto” periódico com a finalidade de fomentar reflexões dos docentes sobre seus trabalhos), feito pelos próprios professores, em ocasião apropriada, de maneira que haja o estudo de temáticas, conceitos e expressões fundamentais escolhidas por eles, dentro do ensino de História para a melhor compreensão da disciplina, promovendo, de modo colaborativo, uma aproximação maior entre os docentes, os discentes e seu universo de relações.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A proposta desta investigação está, dessa forma, inserida neste intenso processo de mudanças que caracterizaram e ainda provocam alterações na área educacional e no ensino de História nos últimos três anos na Escola Albanízia.

A título de exemplo, uma primeira reflexão pode ser feita sobre a trajetória profissional do docente de História com base em resultados preliminares da pesquisa. Durante a investigação, foram aplicados questionários aos docentes de História da Escola Albanízia, via aplicativos *Google Forms* e *SurveyMonkey*<sup>1</sup> por conta da realidade pandêmica. Os questionários possuíam um caráter mais de aproximação, face ao delicado contexto em que se encontravam os docentes. Todos responderam, sem maiores dificuldades, notando-se pelas respostas que, além de boa vontade, havia uma certa necessidade de contarem um pouco das dificuldades que estavam passando no momento.

Dentre as perguntas feitas nos questionários, uma pode servir para elucidar, em um momento inicial, a importância de seus percursos profissionais. Perguntados em que momento de sua vida e como se deu sua escolha profissional, uma das respostas chamou a atenção:

Como não tive aulas de história no ensino médio profissionalizante, foi no cursinho que me deparei com os professores de história, os quais contribuíram muito para escolher cursar história no ensino superior, pois o trabalho deles era atrelado história social marxista e provocava em mim a busca por respostas que me incomodava a vida, daí nasce a vontade de ser professor e seguir o modelo de meus professores de história do cursinho. (L.K.L. SurveyMonkey Inc. “Formação e Profissionalização em História”. Questionário. Belém: 2021)

Neste pequeno relato, em uma primeira análise, pode-se perceber visivelmente como o ensino de História é capaz de proporcionar o desenho de uma personalidade docente inquieta, com ambientes de atuação relativamente mais livres. O ensino de História pode provocar a liberdade da palavra, do pensamento e da prática, alcançando uma determinada autonomia.

Isso suscita outra questão: o que significa ser professor de História? Ou mesmo: o que é ser historiador? Michel de Certeau (1982), no texto “A operação historiográfica”, tenta responder a essa indagação. Demonstra que quem liga as ideias

---

<sup>1</sup> Serviços gratuitos para criar formulários on-line, onde o usuário pode elaborar pesquisas de múltipla escolha, questões discursivas, entre outras opções, e acompanhar as respostas.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aos lugares é o historiador, considerando os lugares sociais, econômicos, culturais etc. fazendo uma aproximação entre teoria e prática.

A História, para Certeau, é vista como uma operação que estabelece a relação entre um lugar, procedimentos de análise e a construção de um texto, sendo, portanto, uma atividade humana. A História se relaciona com o sistema no qual é elaborada e isso é que permite a análise da sociedade. Logo, para o autor, “fazer história é uma prática”. E se “fazer história é uma prática”, o ensino de História, além de ser uma prática também significa fazer História:

Com efeito, é preciso constatar um fenômeno estranho na historiografia contemporânea. O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as marcas das grandes regiões exploradas. “Faz um desvio” para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia etc., todas elas zonas silenciosas. (CERTEAU, 1982, p.80)

Se considerarmos a escola e o ensino de História como “zonas silenciosas”, para onde o historiador se “desviaria” em um trabalho “nas margens”, faz-se necessário também pensar não somente a escola e o ensino, mas a identidade docente (não apenas o docente de maneira geral, mas o docente de História), refletindo sobre o que o define e como o próprio se define enquanto profissional, colocando em pauta aquilo que lhe confere sentido e compromisso com a realidade em que está envolvido.

Nesse sentido, a identidade docente perpassa sobre seus saberes e, quando devidamente reconhecida, concede autonomia a esse professor ou professora e contribui assim para ressignificações da profissão que irão se refletir em suas vidas práticas, dentro e fora da sala de aula.

Pensam-se, então, os relatos de vida dos docentes em questão como significativos para se observar a atividade das relações sociais que envolvem as esferas pessoal e profissional no campo do ensino de História.

Considerando-se que “a História é, definitivamente, o território particular do ser humano” (BARUQUE, 1998, p. 183), mesclam-se, por vezes e invariavelmente, a História e o ensino de História com enfoques em torno de objetos específicos e diversificados, demonstrando-se o quão proveitosos são seus estudos, e proporcionando

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma nitidez para a pesquisa, no sentido de tonificar os esforços dos estudos sobre as relações entre História e ensino de História.

Pensar historicamente o estudo da formação do professor de História, corrobora com a necessidade de se compreender suas práticas a partir de olhares diferenciados e que não tenham como esteio apenas seu lado profissional (CAIMI, 2015).

Falar sobre a formação do professor e da professora vai além de observar seu aprendizado dentro da academia. Voltando aos questionários propostos aos docentes, em outra indagação, foram solicitados a comentar se sua família ou outros fatores e pessoas tiveram influência em sua escolha profissional:

Quando eu era pequena meu pai apesar de leigo, contava a história dialogando com os personagens históricos, isso me fez querer muito ser historiadora. (M. E. SurveyMonkey Inc. “Formação e Profissionalização em História”. Questionário. Belém: 2021)

Sim, tenho uma tia professora que inspirou muitos da família a seguir essa profissão, eu fui o primeiro e logo em seguida muitos outros vieram, hoje tenho na família mais de 10 primos e minha irmã profissionais da educação, a admiração e a rotina de nossa tia professora foi determinante. (L.K.L. SurveyMonkey Inc. “Formação e Profissionalização em História”. Questionário. Belém: 2021)

O docente de História possui vivências, faz escolhas, experencia pontos específicos da carreira, formação e personalidade que poderão contribuir para sua prática em sala de aula. Cada docente possui uma experiência, uma história a ser contada. E é essa a história que complementa, amplia ou modifica a História que irá chegar ao âmbito da escola, na sala de aula, pois os

Professores de História são muitos, centenas, alguns milhares de profissionais que trabalham, militam no cotidiano, anônimos, juntamente com outros tantos professores, de tantos outros saberes, portadores de sonhos, crenças, descrenças, decepções... esperanças... mas que, postos diante de crianças e jovens inquietos, curiosos, agressivos, carentes, carinhosos, se veem desafiados a recomeçar (...).” (MONTEIRO, 2007, p. 33)

Então, pode-se dizer que o objeto de investigação desta pesquisa, saberes e experiências dos docentes de História, faz-se palpável e substancial, uma vez que são esses os aprendizados que se pretende rever, pesquisar e partilhar com os leitores, com a contribuição da experiência de professores de História, em uma escola pública da Educação Básica.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A atribuição do docente de História mostra-se dinâmica em função das demandas que ele precisa atender na comunidade escolar em que atua, onde tem a oportunidade de discuti-las, reafirmá-las, negá-las ou transformá-las. Sendo assim, a quantidade e a qualidade de ideias colocadas na escola ou em uma aula de História podem ser discutidas, dependendo do procedimento, da atuação desse professor. Mas isso não é algo simples de ser feito. Nessas circunstâncias, observa-se que o professor de História é um aprendiz de sua própria prática, na medida em que verifica que precisa desempenhar sua capacidade de reflexão constantemente dentro da realidade experimentada por ele (ZAVALA, 2015).

Infere-se então, que ensinar não é somente transmitir imediatamente assuntos de um determinado currículo construído, embora os resultados possam e devam servir de base para a reflexão sobre o ensino e a aprendizagem, para que a aula se afirme como prática de entendimento. Dito isto, é extremamente importante reiterar que a presença do professor como mediador de saberes de maneira ativa, intelectual e crítica é imprescindível nesse processo.

A autonomia democrática deve ser originada na participação, cooperação e parceria e necessita oportunizar as vozes dos docentes e da comunidade, sem que haja monitoramento e controle, pois o ambiente escolar é o lugar ideal de produção e reprodução de identidades sociais e culturais.

Autonomia docente é ter discernimento sobre a docência, sobre o fazer e sobre o ser professor; sobre a essência do ensino e da educação na sociedade.

É nesse espaço e nesse momento que se observam atentamente elementos que não estão explícitos, mas que são importantes e dão sentidos diferentes para a História e, sobretudo, o ensino de História pelo professor, como suas experiências, formação, implicações, tensões, elementos simbólicos, escolhas e trajetórias. Os saberes docentes, podem assim ser atrelados à cultura escolar, a uma formação e profissionalização, ao currículo, à didática, a uma “*práxis reflexiva*”, a uma “feticização das tecnologias” para tornar significativo o estudo de História, a uma identidade profissional, a uma eficiência ou eficácia para qualificar seu desempenho (MONTEIRO, 2007).

## CONCLUSÃO

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Sempre que escolhemos temas e ponderamos ideias, expressões e conceitos, a predileção é pelo que se considera significativo no momento histórico e cultural em que estamos vivendo. Podemos reafirmar que trabalhamos então com a chamada história do tempo presente, pois “[...] o passado nos questiona à medida que o questionamos. Quanto ao presente, ele é colocado sob a égide do conceito de iniciativa, de um fazer, ou ainda, de uma conexão. [...] (DOSSE, 2017, p. 32)”

Ao longo dos anos, o ensino de História tem se estruturado em suas práticas com inúmeros desdobramentos e sentidos. Para que isso ocorresse, diversos estudiosos e pesquisadores contribuíram para a discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem da disciplina no ambiente escolar e fora dele demonstrando sua grande significação social.

A proposta desta pesquisa, pensar sobre saberes e fazeres dos docentes de história e seus reflexos na sala de aula, toma como inspiração e amparo autores e obras que tentaram e tentam dar conta da complexidade de tais questões mostrando-nos perspectivas, limitações, contribuições e demandas de investigação.

De fato, existe um bom número de estudos e concepções que despertam olhares diferenciados sobre vários aspectos inerentes ao ensino de História, tais como: identidade, profissionalização, currículo, metodologia, formação, didática, tecnologia e assim por diante. De uma maneira ou de outra, esses aspectos acabam sendo modificados pelos conhecimentos e práticas cotidianas dos sujeitos e grupos sociais envolvidos neles.

O propósito maior aqui é colocar em evidência os saberes e fazeres dos docentes de História como um grande desafio a ser estudado. Junto a isso, o docente de História pode buscar um conhecimento de si mesmo e das relações que trava em seu espaço de atuação, seja ele dentro ou fora da sala de aula, desafiando-se a expandir seus objetos de conhecimento para contextualizá-los de acordo com a realidade vivida por seus alunos e alunas. (NADAI, 1993).

Lembra-se dessa forma do que Ilmar Rohloff de Mattos considera “aula como texto”: “A aula de história como texto é criação individual e coletiva a um só tempo”

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

(2006, p. 14), atribuindo-se a essa criação um sentido e um fim, portanto, fazendo-se História.

Sob esse ângulo, estimula-se a compreensão de que o ensino e a aprendizagem de História, com suas formas particulares de produção do conhecimento, políticas educativas, memórias coletivas, práticas docentes e discentes podem contribuir para tornar a escola um local de descoberta e significado, onde há criação, seleção, embates, negociações e ações, oportunizando a associação entre presente e passado, o entendimento de rotinas e contextos e a possibilidade de cada indivíduo se distinguir como sujeito histórico, habilitado a analisar e, principalmente, atuar diante dos fenômenos recentes.

Logo, percebe-se que é possível ponderar algumas ações do professor em sala de aula e no ambiente escolar como reflexos de sua própria experiência cotidiana (MONTEIRO, 2003).

Assim, o saber dos professores é acentuadamente social, porque sofre influência de suas emoções e pensamentos e é condicionado a uma história de vida e trajetória profissional. O saber docente não está dissociado de outras dimensões do ensino e deve ser analisado junto a elas. Dessa forma, “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” (TARDIF, 2014, p. 36)

Avistam-se várias possibilidades de explorar os saberes e práticas dos professores e professoras de História. Por meio da observação de aspectos que estimulem pensamentos motivadores e emancipatórios; estudando até onde vai a autonomia do docente no que diz respeito ao currículo; analisando a identidade e profissionalização, dentre tantas outras até chegarmos a modos de problematizar essas temáticas.

Quais as possíveis demandas sociais e culturais que determinado professor ou professora elege como ponto de partida para discernir problemas e encaminhar soluções? Como o cotidiano e o pessoal influenciam na vida de um docente de História, moldando-o ao longo de seus percalços, exercendo interferência também na criação de um saber escolar? Quais os usos que o professor ou professora pode fazer de sua

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

liberdade de criação e de escolha dentro da perspectiva professor-pesquisador/pesquisador-professor? Esmiuçando ainda mais, que componentes afetivos, morais, políticos, éticos, cognitivos e sociais cooperam para condições de vida e trabalho, expectativas, valores e concepções desse docente?

Dadas as possibilidades que o Ensino de História nos proporciona para trabalhar esses questionamentos, com este estudo pretende-se buscar saberes e fazeres de professores e professoras da Educação Básica no intuito de entender, valorizar e divulgar práticas que contribuam para a potencialização dessa abordagem e quem sabe subsidiar outros olhares e versões sobre processos já estudados.

É necessário salientar novamente que os pensamentos apresentados nesta comunicação são reflexos de resultados parciais de uma pesquisa em andamento e, por conseguinte, este texto não objetiva uma concepção definitiva sobre as temáticas abordadas.

Assim sendo, apresentam-se os docentes de História como sujeitos da História do cotidiano escolar, porque serão muito mais do que simples descrições de suas vidas. Serão reflexões sobre suas histórias, sobre quem são, o que fazem, reconstruindo continuamente significações sobre seu trabalho e sobre si, compartilhando com os outros as experiências vividas.

## REFERÊNCIAS

BARUQUE, Julio Valdeón. Qué Historia Enseñar? **Clio & Asociados**. Santa Fé/LaPlata, nº 7, 2003.

BRASIL. Lei nº 13.415/2017. Brasília: Presidência da república, 2017. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/marco-legal>>. Acesso em 09 de out. de 2020.

BRASIL. Portaria nº 649 de 10 de julho de 2018. Institui o Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio e estabelece diretrizes, parâmetros e critérios para participação. Disponível em: <<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2540/portaria-mec-n-649>>. Acesso em 09 de out. de 2020.

CAIMI, Flávia Heloisa. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES,

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Marcelo; MAGALHÃES; GONTIJO, Rebeca (Orgs) **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX.** Rio de Janeiro, UFRJ, 2014.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. In: LAPUENTE, Rafael Saraiva, GANSTER, Rafael, ORBEN, Tiago Arcanjo (Orgs.). **Diálogos do tempo presente: historiografia e história.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

E.E.E.M. PROFESSORA ALBANÍZIA DE OLIVEIRA LIMA. Projeto Político Pedagógico – 2020-2022. Governo do Estado do Pará, Secretaria Executiva de Educação. Belém, Pará, 2019.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim!” Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. **Revista Tempo.** V. 11, nº 21, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino.** Londrina, v. 9, out. 2003.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História,** v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. de 1993.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZARBATO, Jaqueline Martins. Memória e ensino de história: as interfaces entre a formação e o saber de professoras. **Revista Tempo & Argumento,** Florianópolis, v. 5, n.9, 2013.

ZAVALA, Ana. Pensar ‘teoricamente’ la práctica de la enseñanza de la Historia. **Revista História Hoje.** V. 4, nº 8, 2015.